

# Entre o matrimónio indissolúvel e a misericórdia

**Site Igreja & Media** (trad. de Paulo Terroso)

12 de Outubro de 2014

de ENZO BIANCHI

O Sínodo e o novo ar que se respira na Igreja após 20 meses de pontificado de Francisco

[Tradução do texto 'Tra matrimonio indissolubile e misericordia' publicado a 12.10.2014 no quotidiano italiano 'La Stampa', pp 1 e 25]

**Logo depois da eleição do papa Francisco, o cardeal Ravasi** declarou: “Respira-se um novo ar há muito esperado”. Hoje, depois de vinte meses de pontificado, podemos dizer que se criou um outro clima no tecido eclesial: um clima de liberdade expressão no qual, com parrésia, cada católico, bispo ou simples fiel, pode deixar falar a sua própria consciência e dizer aquilo que pensa, sem ser logo reduzido ao silêncio, censurado ou até mesmo punido, como acontecia nos últimos decénios.

**Isto não significa um clima idílico, porque os conflitos**, alguns mesmo duros, estão presentes no seio da Igreja — como já testemunhado nos escritos do Novo Testamento — mas se estes forem vividos sem excomunhões recíprocas, se cada um escutar as razões do outro sem fazer dele um inimigo, se todos procurarem manter a comunhão, então, até mesmo os conflitos são fecundos e servem para aprofundar e dar razões das esperanças que abitam o coração dos cristãos.

**Infelizmente pode-se constatar que já há “inimigos do Papa”**: pessoas que não se limitam a criticá-lo com respeito, como acontecia com Bento XVI e João Paulo II, mas chegam ao ponto de desprezá-lo. Um bispo que diz aos seus padres que a exortação apostólica *Evangellii Gaudium* “poderia ter sido escrita por um lavrador” exprime um juízo de desprezo, mas profeticamente declara que aquela carta é legível e compreensível até por um pobre e simples cristão da periferia do mundo. Assim, além das intenções, aquelas palavras de desprezo constituem um elogio. Alguns acrescentam, para deslegitimar a eleição de Bergoglio, que o conclave não decorreu segundo as regras, outros sustentam que há dois papas, os dois sucessores de Pedro mas com funções diferentes... Há muito que conhecemos estas pessoas mais propensas a seguir as próprias hipóteses eclesíásticas do que a objectividade da grande tradição católica na qual vale o primado do evangelho.

**Certamente, a composição deste novo sínodo, o novo modo de proceder** nos trabalhos, o convite do Papa a falar claro, com coragem, mesmo criticando o seu pensamento ou manifestando um parecer diferente, o pedido de franqueza nas intervenções, criaram uma atmosfera sinodal inédita em relação a todos os sínodos precedentes. O papa Francisco quer que a assembleia seja vivida no espírito da colegialidade episcopal e da sinodalidade eclesial e não seja uma simples celebração: e Francisco tem toda a autoridade para dizer que, contudo, o sínodo se desenrola segundo a grande tradição *cum Petro e sub Petro*, isto é, com o Papa presente e ao qual, enquanto sucessor de Pedro, compete-lhe o discernimento final.

**Quanto ao tema do sínodo é incandescente** porque está em jogo não tanto uma disciplina diferente, no que diz respeito ao matrimónio, à família e à sexualidade, mas sim o rosto de Deus invisível, um rosto que nós cristãos conhecemos só no rosto de Jesus Cristo, aquele que nos narrou, explicou, fez conhecer Deus. Está em jogo o rosto de Cristo misericordioso e compassível, como está escrito no seu santo Nome dado a Moisés e como foi contado por Jesus, seu filho no mundo, o qual nunca castigou os pecadores, nunca os puniu, mas os perdoou cada vez que os encontrou, levando-os assim ao arrependimento e à conversão.

**É indubitável que no centro do confronto e aprofundamento sinodais** estão as palavras de Jesus que não podem ser esquecidas, nem sequer adulteradas. Nos evangelhos, de facto, perante o divórcio — permitido por Moisés mas condenado, não se esqueça, pelos profetas... — Jesus não escolhe a via da casuística mas coloca ao nível da intenção do Legislador e Criador e nega qualquer possibilidade de ruptura do vínculo na história de amor entre um homem e uma mulher: “No principio não foi assim... Os dois serão um só carne... Não separe o homem o que Deus uniu!”.

**Linguagem clara, exigente, radical porque na relação entre homem e mulher**, ligados na aliança da palavra dada, é significada a aliança fiel entre Deus e o seu povo: se uma fidelidade é desmentida, também a outra não será mais credível. Mensagem exigente e dura, que os presbíteros deveriam anunciar às suas comunidades, colocando-se em joelhos: “É uma palavra do Senhor, não nossa, a pedir esta fidelidade. Nós repetimo-la porque é nosso dever fazê-lo, mas a anunciamos de joelhos, sem presunção nem arrogância, porque sabemos que viver o matrimónio fielmente e no amor renovado é difícil, cansativo, impossível sem a ajuda da graça de Deus...”

**Mas se este é o anúncio evangélico, que não pode mudar**, não é menos verdade que na história, e particularmente hoje, este vínculo nas histórias de amor não é sempre assumido com fé, na adesão à palavra de Cristo e, não obstante, às vezes deteriora-se, corrompe-se e morre. Sim, entre os cônjuges ocorre estar juntos até ao momento em que um torna o outro melhor, mas se isto não acontece mais, depois de várias tentativas, então a separação pode ser um mal menor. E é aqui que às vezes inicia uma nova história de amor, que pode ser portadora de vida, vivida na lealdade e na fidelidade, na partilha da fé e na pertença viva à comunidade cristã. Para quantos vivem nesta condição não é possível

celebrar outras núpcias, nem contradizer o sacramento do matrimónio já celebrado, mas se cumprirem um caminho penitencial, se mostrarem com o passar dos anos solidez no novo vínculo, não se poderia, pelo menos, admiti-los à comunhão, que lhes daria a possibilidade de um viático portador de graça no caminho em direcção do Reino? Segundo a doutrina católica tradicional a eucaristia é sacramento também para a remissão dos pecados. O cardeal Martini perguntava: “A questão se os divorciados recasados podem receber a comunhão deveria ser invertida: como pode a Igreja ir em sua ajuda com a força dos sacramentos?” A resposta a estas questões somente pode ser dada pelo Papa, depois de ter escutado a Igreja através do sínodo.

**Refleta-se também sobre um dado: porque razão os padres,** monges, religiosos que professam uma promessa pública a Deus, depois de terem abandonado a vocação recebida e contradizendo os votos pronunciados — votos que S. Tomás de Aquino dizia que a Igreja não poderia nunca dissolver — podem participar plenamente na vida sacramental da Igreja, enquanto quem se encontra noutras situações de infidelidade é excluído? Esta posição é vista como a injustiça de uma disciplina feita por clérigos, que vivem mais ou menos bem o seu celibato, e não conhecem o cansaço e as dificuldades do matrimónio...

**O que é que espera, então, do sínodo um católico maduro na fé?** Que se professe mais uma vez a indissolubilidade do matrimónio, mas que se faça manifestando a misericórdia de Deus, indo ao encontro de quem nesta exigente aventura incorreu na contradição da aliança e convidando-o a caminhar na plenitude da vida eclesial. O Deus cristão tem um rosto no qual a misericórdia é imanente à justiça: é um Deus compassivo que em Jesus caminhou e caminha com quem está ferido, com quem está doente... um Deus que quer que todos se convertam e vivam.

Tags: [La Stampa](#)